

ARTIGOS





O MITO DE THANATOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Regina Célia Faria Amaro Giora*
Magda de Oliveira Guimarães**

Resumo – Este artigo trata da presença e da importância dos mitos gregos na sociedade contemporânea ocidental e examina, especificamente, a presença dos mitos de Eros e Thanatos em diferentes esferas do espaço público e privado. Inferimos que a influência desse comportamento em personagens midiáticos como artistas, atletas, políticos e empresários incorpora essas figuras míticas. Além disso, são amplamente usadas na publicidade e na propaganda como modelos de comportamento. Eros e Thanatos, de acordo com as teorias da psicanálise de Sigmund Freud, representam as pulsões de vida e morte presentes em todos os seres humanos. E cabe à cultura, por meio das várias instituições da sociedade ocidental, reprimir ou desviar essa energia para fins que garantam aos homens a vida em sociedade.

Palavras-chave: Thanatos. Mitologia grega. Cultura contemporânea. Comportamento. Violência

APRESENTAÇÃO

A cultura greco-romana foi amplamente utilizada como matriz cultural da cultura ocidental. Ainda que a cultura grega tenha enormes influências orientais, essa herança foi apagada pelas construções historiográficas posteriores. Na historiografia construída, os mitos gregos foram alguns dos mais explorados pela cultura ocidental. Os deuses, também entendidos como mitos, possuíam características humanas, com os diversos tipos de sentimentos, como os opostos amor e ódio e todos os demais advindos desses, como compaixão, ciúme, benevolência, falsidade. Além de comportamentos que privilegiam aspectos de poder, exclusão, fraternidade e desespero.

De acordo com essa mitologia, Eros e Thanatos carregam em si pulsões primitivas de violência e de paixão. Essas pulsões são recalcadas pelas imposições culturais que privile-

* Possui pós-doutorado em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). *E-mail:* rrgiora@uol.com.br

** Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela UPM. Especialista em Marketing pela Universidade Luterana do Brasil. É bibliotecária no Museu de Arte Assis Chateaubriand (Masp). *E-mail:* maggui73@gmail.com

giam o racionalismo e a repulsão aos sentidos, ou melhor, uma moral que estabelece padrões a ser seguidos.

Origens

A origem da vida humana, tal qual a herança judaico-cristã, foi definida pelo Gênesis, em que um Deus primordial, de acordo com sua vontade, cria o mundo e seus seres. Na mitologia grega, um dos mitos de Gênesis inicia com a existência de três divindades: Caos, conhecido como o Abismo; Gaia – a Terra, conhecida como a mãe universal; e Eros, o impulso de transformação. Gaia gerou Urano, o céu, e Pôntos, a água. Urano ficava sobre Gaia e formou outros seres como os Titãs, porém nenhum tinha espaço para se sobressair, já que Urano pressionava Gaia comprimindo-a. Um dos titãs chamava-se Chronos e ajudou Gaia a enfrentar Urano e libertar os seres que, junto a Gaia, haviam germinado. Chronos separa Gaia de Urano, tomando seu lugar, e assim formou-se a Terra e o Céu. Do Caos, o Abismo, também foi produzida uma geração, como Érebo, a escuridão profunda e Nix, a noite, que gerou sozinha os gêmeos Hipnus e Thanatos. Da castração de Urano brotaram sentimentos como o bem e o mal, formados desta maneira: das gotas de sangue que caíram sobre a Terra surgiram os sentimentos: vingança, castigo, violência e outros tantos; e das gotas de esperma que caíram sobre as águas do mar nasceu Afrodite, a deusa da beleza. Dela surge Eros, o amor e Himeros, o desejo. Eros não é mais a mesma divindade que estava com Caos e Gaia nos primórdios, nesse momento é aquele que faz oposição ao ódio do sangue derramado sobre a Terra. E os sentimentos ambivalentes de Amor e Ódio irão subjugar os deuses e o ser humano (VERNANT, 2013). Podemos perceber algumas semelhanças existentes entre a história do começo da vida na Terra trazidas pelos gregos e a cultura judaico-cristã, tais como a formação do Céu e da Terra, do dia e da noite, do amor e do ódio. Em outras civilizações, histórias semelhantes foram produzidas e transmitidas de geração a geração.

Da mesma forma e sucessivamente, a figura paterna mantém o medo de que os filhos tomem seu lugar. Chronos gerou filhos com Réa. Assim, Chronos engolia todos os seus filhos, por medo de que acontecesse o mesmo que havia feito a Urano. Réa conseguiu salvar Zeus e enganou Chronos, que engoliu uma pedra. Quando Zeus torna-se adulto, ajudado por sua mãe, engana novamente Chronos e liberta seus irmãos, retirando-os do estômago de seu pai. Com a derrota de Chronos pelos filhos, surgem os deuses olímpicos, que dividem o mundo entre si. Zeus governou o Céu, Poseidon o Mar e Hades o Inferno.

Interessante observar o que relata Joseph Campbell (2003, p. 5): "a única maneira de você descrever verdadeiramente um ser humano é através de suas imperfeições. O ser humano perfeito é desinteressante [...] as imperfeições da vida é que são apreciáveis". Desse modo, inferimos que há uma grande influência cultural dos arquétipos dos deuses olímpicos, cujos comportamentos são tão imperfeitos quanto os mortais e demonstram sentimentos consi-

derados reprováveis na sociedade ocidental, como o ciúme, a traição, a inveja, a raiva, o ódio, entre tantos outros, que geram conflitos e desarmonia. Deuses olímpicos como Zeus, Hades, Poseidon, Hera, Afrodite, Atenas, Artemis, Perséfone, Deméter, Hermes, Apolo, Ares, Dionísio e Hefesto tiveram seus padrões comportamentais relacionados aos humanos, pois a eles foram atribuídos sentimentos e comportamentos humanos.

Por meio dessa relação foram analisados pela psicanálise os aspectos considerados positivos e negativos no comportamento humano. Esses aspectos podem estar representados independentemente do gênero. Por exemplo, uma mulher pode ter aspectos de Zeus e um homem pode ter aspectos de Deméter em sua personalidade.

Mito

Quando observamos a palavra mito, o uso geralmente é relacionado a algum fato irreal, crença em algo que não existe, quando se cria uma imagem intocável, superior e exagerada. É o caso de pessoas que se sobressaíram perante as demais, atualmente descritas como celebridades: artistas de cinema e televisão, músicos, esportistas, entre outras personalidades que são cultuadas como deuses e possuem um séquito de admiradores.

A palavra mito vem do latim *mýthos* ou *mýthus* e do grego *muthos*, e significa "relato fantástico de tradição oral, protagonizado por seres que encarnam as forças da natureza e os aspectos gerais da condição humana [...]" (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2009, p. 1300).

Embora mito tenha um sentido de ficção e folclore, para os mitólogos – estudiosos sobre mitologia, como Mircea Eliade (1907-1986), Joseph Campbell (1904-1987) e Jean-Pierre (1914-2007), o mito faz parte do imaginário de tradições, de memória, da oralidade, remontando histórias que exprimem um sentido real e se apresentam em todas as civilizações.

Conforme Eliade (2004, p. 12, 16):

[...] o mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma "história verdadeira", porque sempre se refere a realidades. [...] Os mitos, efetivamente, narram não apenas a origem do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje – um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, e trabalhando de acordo com determinadas regras.

A transmissão de uma história sagrada como a criação do mundo, dos seres mitológicos e dos heróis nos relata experiências de vida e os diversos rompimentos que ela impõe, bem como o preparo para aceitar seu encerramento.

Assim, a mitologia pode ser definida como um conjunto de histórias sobre a sabedoria de vida, existindo dois tipos: a que coloca o ser humano em harmonia com a natureza e a que

liga o ser humano a uma sociedade específica. No primeiro caso, a mitologia procura demonstrar a importância dos cuidados sobre o planeta – a poluição e a degradação da terra, da água e dos demais elementos que sustentam nossa continuidade como habitantes, protegendo e cuidando de todos os seres vivos; no segundo tipo percebe-se que as tradições devem ser cultivadas para manter uma ligação com a própria história e sabedoria de nossos ancestrais (CAMPBELL, 2003).

Ainda de acordo com Campbell (2003), existem quatro funções atribuídas ao mito: 1. mística ou a consciência do mistério da vida e do universo; 2. cosmológica – refere-se ao limite do alcance da ciência, demonstrando a dimensão inexplicável da formação do universo e do ser humano; 3. sociológica – referente às leis da vida de uma sociedade ideal, que se diferencia de uma região para outra; 4. pedagógica – ensinamentos sobre como viver em harmonia sob qualquer circunstância.

Tratar sobre temas mitológicos mantém uma vigência até mesmo natural, pois a necessidade de exemplos de vida e do enfrentamento de problemas recorrentes tem a mesma importância de séculos atrás. Schmidt (2002, p. 10) ressalta: "heróis cujos sofrimentos, morais ou físicos, as dúvidas e angústias metafísicas diante da morte, do amor e do destino, nos tocam e ainda continuam a dizer-nos respeito". Histórias de seres com trajetórias heroicas e divinas serviram de modelos aos demais.

Sobre o heroísmo, Campbell (2003, p. 132) propõe que é a entrega voluntária da vida pela de outrem e, diferente do que o senso comum prevê, mulheres que exercem a maternidade e que abdicam de suas vidas em benefício da vida dos seus filhos praticam um ato heroico. De fato, os atos de heroísmo acompanham-nos por todo o tempo. Identificá-los certamente é muito difícil, pois entendemos que atos assim são grandiosos, e outros considerados corriqueiros, de entrega e dedicação, são vistos com indiferença. É uma inversão de papéis que traz consequências preocupantes. Para Jung (2008, p. 118) o mundo ocidental "libertou-se das superstições (ou pelo menos pensa tê-lo feito), mas nesse processo perdeu seus valores espirituais em escala positivamente alarmante". Assim, há prejuízos significativos à natureza humana como à natureza de fato, ao planeta e a todos os seres vivos.

Os arquétipos estudados por Sigmund Freud e Carl G. Jung, segundo Campbell (2003, p. 54) "têm base biológica [para Jung], enquanto que o inconsciente freudiano é uma acumulação de experiências traumáticas reprimidas no curso de uma vida individual". Freud estuda os arquétipos na psicanálise e Jung, na psicologia clínica. Sobre o tema, a analista Jean Shinoda Bolen (2010, p. 11) propõe que "todo arquétipo está associado a certos dons e determinados problemas possíveis 'dados por um deus' ou 'dados por uma deusa'. Reconhecer esses dinamismos torna menos provável tanto a presunção como a autocensura".

Percebemos no cotidiano que as características arquetípicas dos deuses estão na personalidade, na forma de agir, de vestir, de se relacionar do ser humano, evidenciando um ou mais perfis desses arquétipos. Mitos que representam o poder em uma posição social, política e econômica, como Zeus; ou Hera, em que a família, o lar e o esposo são sua prioridade.

Afrodite, a deusa da beleza, na contemporaneidade se manifesta por meio da sensualidade exacerbada; Hefesto é o filho rejeitado, mas dotado de profunda criatividade (BOLEN, 2010); enfim, a presença desses mitos se manifesta em todos os setores da sociedade.

Alguns elementos da narrativa grega são utilizados até hoje, como a jornada do herói e a dramaticidade das ações. Roteiros de produções culturais e jornalísticas, a fim de atrair o espectador, criam histórias dramáticas, que exploram acontecimentos violentos, a perda do controle, da racionalidade e/ou a passionalidade.

Eros e Thanatos

Como descrito anteriormente, tanto Eros como Thanatos fazem parte das divindades primordiais da mitologia grega. Eros era uma força impulsionadora, mas foi recriado por Afrodite, a deusa da beleza, como o Amor. Thanatos foi gerado por Nix – a Noite, sendo irmão gêmeo de Hipnos, o Sono. Segundo Jung (2008, p. 103), apesar de sociedade entender-se como "racional", ainda sim está sob o interesse de "forças" fora de seu controle. "Seus deuses e demônios absolutamente não desapareceram; têm apenas outros nomes". O bem e o mal, o Yin e o Yang, Eros e Thanatos.

As pulsões trazidas por Eros e Thanatos, de vida e de morte, são oprimidas pela cultura que impõe limites, impedindo que a violência ou o desejo sexual aconteçam a todo instante. Esses desejos reprimidos são levados ao inconsciente e liberados por meio dos sonhos. Freud, segundo Jung (2008, p. 25), "trabalhou baseado na hipótese de que os sonhos não são produtos do acaso, mas estão associados a pensamentos e problemas conscientes".

Na sociedade contemporânea, verificamos os contrapontos sobre as pulsões de amor e de violência em todos os segmentos – principalmente a de violência é evidenciada e tem plena aceitação. Diversos programas televisivos apresentam discussões familiares "ao vivo", causando embaraço nos chamados "convidados" que aceitam participar, mas sem saber que serão desmascarados e condenados por atitudes de deslealdade ao participante reclamante.

A audiência desse tipo de programa confirma-se pela sua permanência na televisão, demonstrando que o público é ávido por cenas conflitantes, em que se incitam sentimentos como o ódio e a vingança. Outros programas apresentam a violência, principalmente a doméstica¹, evidenciando crimes passionais: "Homem mata namorado da ex-esposa a facadas"; "Homem é morto a facadas pelo ex-sogro em Mauá"; "Acusados de matar três mulheres vão a júri popular em PE". E diversos outros casos de assassinato, violência e corrupção.

Rompimentos de relacionamentos amorosos entre celebridades também despertam a curiosidade e a indignação quando há indícios de infidelidade. Manchetes recentes com artistas, como a traição de um comediante "A" com uma desconhecida "B", deixaram perplexos

1 - Cidade Alerta. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/cidade-alerta>>. Acesso em: 12 nov. 2014.

aqueles que acompanharam a notícias e apoiaram a esposa, "C", também comediante, que desconhecia o fato mas pôde acompanhar pelos noticiários, que divulgaram amplamente a aventura extraconjugal de seu marido. Como um "golpe" de marketing, "C" simplesmente ignora o papel de vítima, admitindo que todos cometem erros, e perdoa "A" beijando seu colega "D" em público.

Esse caso despertou a fúria do público feminino de todo o país, que compactuou do mito de Hera e, com raiva, desejou que "C" aplicasse uma pena a seu marido "A", porém a comediante "C" também possui esse arquétipo e, com maestria, perdoa o marido e salva sua relação, inocentando-o. Tanto o público quanto a comediante "C" encarnam o arquétipo de Hera, protetora da família, e inocentam a figura do marido, centro do poder e da família. A desconhecida "B" não recebe crédito algum, somente de ser a malquista na mídia e nas redes sociais, causadora de um problema em um relacionamento conhecido como sólido. A população transmite ojeriza e não tem compaixão dos que fogem da cultura estabelecida, ao contrário, deseja a destruição ocasionada pela pulsão de Thanatos ao perdão de Eros. Conforme Freud (2010, p. 62), "Todo o bem acaba por receber sua recompensa, todo o mal sua punição – se isso não acontece já nesta forma de vida, acontecerá nas existências posteriores".

Segundo Brandão (1991, p. 398-399), o nome Thanatos "tem como a raiz indo-europeia *Dhwen*, dissipar-se, extinguir-se, tornar-se sombra". Thanatos não é a causa da morte, mas é a inversão da vida. Nesse sentido, Thanatos não causa a morte física, mas possui a oposição à vida, a negatividade das ações. Brandão (1991, p. 399) ainda diz que, no nível simbólico, Thanatos "é o aspecto perecível e destruidor da vida. Divindade que introduz as almas nos mundos desconhecidos das trevas dos infernos ou nas luzes do paraíso patenteia sua ambivalência". Brandão (1991, p. 400) ressalta ainda que "a Morte não é um fim em si; ela pode nos abrir as portas para o reino do espírito, para a vida verdadeira: *mors iannua uitae*, a morte é a porta da vida". A morte na mitologia grega é uma passagem, uma transformação, um abandono de antigas práticas e absorção de novas. Em várias civilizações, mostrar a morte como parte de uma trajetória alivia o sentimento de finitude da vida humana.

O mito na contemporaneidade

A cultura das celebridades aguça a curiosidade da sociedade para a vida pessoal das pessoas públicas, sendo uma prática comum do nosso tempo. A cultura de massa coloca à disposição vários produtos para o consumo, das revistas aos programas de televisão e, atualmente, aos portais de notícias na internet. Nesses vários segmentos, a mídia coloca como informação fatos do cotidiano das celebridades em conjunto com notícias de violência, principalmente doméstica. Observa-se que essas notícias incitam a curiosidade, pois de certa

forma recriminam-se atitudes violentas e a prática de observar a vida privada das pessoas públicas, uma espécie de *voyeurismo*².

Coloca Freud (2010, p. 48):

Um número imenso de homens aculturados que recuaria horrorizado diante do assassinato e do incesto, não se prova de satisfazer sua cobiça, seu gosto de agredir e seus apetites sexuais; não deixa de prejudicar os outros por meio da mentira, da fraude e da calúnia, caso possa permanecer impune ao fazê-lo; e é possível que tenha sido sempre assim há muitas eras da cultura.

No âmbito privado, a falta de aceitação ao intercuro que a vida propõe gera outros tipos de violência. Segundo dados apontados no Mapa da Violência no Brasil (WAISELFISZ, 2012a), levantamento realizado sobre o homicídio de mulheres demonstra que, em âmbito internacional, o Brasil, comparado com outros 84 países, é apontado na sétima colocação. A violência contra o gênero feminino indica características importantes, como o local onde ocorre a violência, o tipo de objeto mais utilizado e quem realiza o ato. Geralmente, o local do crime é a residência da vítima – 72% dos casos. Quanto ao tipo de objeto da agressão, somam-se aos 49% do uso de armas de fogo, os objetos cortantes/penetrantes e contundentes, utilizados em 34% dos crimes. Outras *causas mortis* são o estrangulamento e sufocamento, em 6% dos casos. O agressor é, na maioria das vezes, um familiar (pai, mãe, filho) ou o companheiro (namorado, marido, ex-marido). Durante os primeiros anos de vida da mulher são os pais os responsáveis pela agressão em 87% dos casos; dos 30 aos 39 anos de idade é o parceiro ou o ex-parceiro da vítima o responsável pela agressão em 70% das ocorrências. Nas mulheres com idade acima dos 60 anos, 51% das agressões são cometidos pelos seus filhos.

Sobre a violência sexual (estupro, assédio sexual, jogos sexuais, pornografia infantil, entre outros), 64% das ocorrências também são na residência da vítima. O pai é o agressor das vítimas com idade entre 1 e 9 anos; já o responsável em 50% dos casos nas vítimas com idade de 5 a 19 anos é um amigo ou conhecido. Por volta de 50%, os agressores das vítimas entre os 15 e 60 anos ou mais são desconhecidos, com o ápice na faixa etária de 20 a 29 anos com 63% (WAISELFISZ, 2012a), demonstrando a vulnerabilidade da mulher. Além disso, a vítima se culpa pelo ocorrido, justificando a violência dirigida. Assim, quem sofreu o estupro foi a causadora da violência, pois vestia-se provocando o sexo oposto (WAISELFISZ, 2013).

Historicamente, a mulher sempre é culpada de tudo, desde Eva, mas ela não pode ser vítima de qualquer tipo de violência por causa da roupa. Em nossa sociedade, a mulher é esti-

2 - Do francês "aquele que vê".

mulhada a se vestir como objeto de desejo e, quando incorpora esse papel, se torna vítima de violência, passível de punição (SALLES, 2014).

Foram criadas leis para a defesa da violência doméstica contra a mulher, como a Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006), que pune os agressores das mulheres em ambiente doméstico e familiar. Logo após a promulgação, houve um decréscimo desse tipo de violência, mas, em 2008, esse tipo de violência voltou a subir (WAISELFISZ, 2012a). A reestruturação de uma sociedade mais justa e humana tem falhas porque falta significação à vida, as pulsões de amor não são incentivadas. A incitação ao desafio de subjugar as leis e a falta de estima à mulher e assim como de outros seres humanos representa uma forma de poder autoritária, como a transmitida pelo arquétipo de Zeus, que não permite que outros seres ocupem um lugar de destaque.

Assim como o problema apresentado sobre a violência contra a mulher, há registros significativos de violência contra o jovem brasileiro (dos 15 aos 24 anos), especificamente em jovens negros que são vítimas em 71% dos casos, sendo 93% do sexo masculino. No período analisado, de 2002 a 2011, a violência nessa faixa etária cresceu em 30,6% contra os jovens negros (WAISELFISZ, 2013). Esses dados demonstram nossa herança cultural, que permanece desprezando a cor daqueles que foram, por séculos, escravos, mostrando a "superioridade branca" conservadora que continua a castigá-los.

De acordo com Ribeiro (2013, p. 108):

Todos nós, brasileiros, somos carne da carne daqueles pretos e índios supliciados; todos nós, brasileiros, somos por igual, a mão possessa que os supliciou. A doçura mais terna e a crueldade mais atroz aqui conjugaram para fazer de nós a gente sentida e sofrida que somos e a gente insensível e brutal, que também somos. Descendentes de escravos e de senhores de escravos seremos sempre servos da malignidade destilada e instalada em nós.

Segundo o depoimento do diretor-executivo da Anistia Internacional do Brasil, Atila Roque:

O Brasil convive, tragicamente, com uma espécie de "epidemia de indiferença", quase cumplicidade de grande parcela da sociedade, com uma situação que deveria estar sendo tratada como uma verdadeira calamidade social. Esses jovens em risco são submetidos cotidianamente a um processo que os transforma em ameaça, os desumaniza, viram "delinquentes", "traficantes", "marginais" ou, às vezes, nem isso, apenas "vítimas" de um contexto de violência e discriminação ao qual a sociedade prefere virar as costas e olhar para o outro lado, com raras exceções. Isso ocorre devido a certa naturalização da violência e a um grau assustador de complacência do estado em relação a essa tragédia. É como se estivéssemos dizendo, como sociedade e governo, que o destino desses jovens já

estava traçado. Estavam destinados à tragédia e à morte precoce, violenta porque nasceram no lugar errado, na classe social errada e com a cor da pele errada, em um país onde o racismo faz parte do processo de socialização e do modo de estruturação do poder na sociedade (MOISÉS, 2012).

Assim, mulheres, negros, idosos e crianças podem ser considerados vulneráveis às agressões, tornando-se vítimas de maus tratos, mesmo com toda a proteção prevista em lei. Embora o ser humano tenha alcançado proporções estrondosas no desenvolvimento tecnológico, principalmente na área da comunicação, declinou quanto ao desempenho das relações pessoais. Basta observar os jovens que preferem a comunicação virtual, como no telefone celular, ao contato pessoal de "olhos nos olhos". Quando pensamos que meios de comunicação como a televisão apresentam programas em que a guerra e a destruição são mostradas como qualquer outro programa de ficção – Guerra do Golfo (1991), ataque às Torres Gêmeas, nos Estados Unidos (2001) –, percebemos a inversão de valores quanto à vida. As pulsões advindas de Thanatos estão representando não somente a morte, mas o medo da morte, pois essas imagens alcançam públicos de todas as classes e personificam o terror. Em pesquisa realizada em 2011, 79% dos brasileiros declararam ter medo de morrer assassinados, o que significa que oito entre dez cidadãos brasileiros temem morrer de forma brutal (WAISELFISZ, 2012b). As leis que protegem a mulher, as crianças, os adolescentes, os idosos, os negros e os índios têm um caráter de respeito e cuidado com essa parcela da população fragilizada pela cultura imposta, porém as pulsões violentas não respeitam a emancipação da mulher, os cuidados aos jovens e idosos, o respeito e a tolerância aos negros e aos índios, demonstrando que Thanatos está acima da igualdade de Eros.

Conforme Bosi (2002, p. 342), "a erudição e a tecnologia mais moderna não tiram, por si sós, o homem da barbárie e da opressão". A violência ocorre em todas as classes sociais. Haja vista o recente crime que envolveu três pessoas com nível superior que envenenaram um menino de 11 anos no interior do Rio Grande do Sul, ou o caso da menina Isabella, em 2008, crime cometido por sua família – pertencentes à classe média paulistana –, assim como vários outros casos publicados pelas mídias que demonstram casos de violência por ódio, ambição e intolerância. Nas grandes capitais, como São Paulo, ou no interior, como a cidade de Três Passos, no Rio Grande do Sul, não há região que garanta a tranquilidade de uma vida segura.

As mídias utilizam casos reais decorrentes dessas pulsões como base para enredos ficcionais levados a uma dimensão de público maior por meio do cinema e da televisão. Assim, o que poderia suscitar uma reflexão na maioria das vezes passa despercebido, tamanha é a indiferença aos fatos reais ou de ficção, que parecem ser a mesma coisa.

Ainda sobre a violência contra a mulher, no âmbito público e midiático, coloca Kellner (2001, p. 151):

Certo número de filmes dos anos 1980 e 1990 também apresenta mulheres fálicas como ameaça ao poder masculino e à domesticidade familiar. [...] filmes como *Atração Fatal* e *Instinto Selvagem* retratam mulheres fortes, solteiras, independentes e bem-sucedidas numa visão extremamente negativa.

O filme *Atração fatal*, de 1987, dirigido por Adrian Lyne, coloca em voga a infidelidade conjugal ocasional, em que um homem (casado) e uma mulher (solteira) cometem adultério enquanto a esposa está fora da cidade. A mulher não aceita a posterior rejeição do homem e, por meio de vingança, o persegue para destruir seu casamento sem que a esposa desconfie do ocorrido. O filme termina com o assassinato da mulher pela esposa. E novamente está patente a mostra do patriarcalismo de Zeus e Hera, tão recorrente em todos os níveis da sociedade humana. A mulher solteira tem uma imagem negativa, sendo vista como um perigo para a sociedade moralista imposta, ainda mais sendo independente financeiramente. Confirma Kellner (2001, p. 136): "[...] os filmes direitistas podem ser interpretados, por exemplo, como reações a ameaças reais à hegemonia conservadora, portanto como testemunhos de conflitos sociais e contradições atuais".



Figura 1 Cena do filme *Atração fatal* (1987)

Fonte: *Atração fatal* (2014).

Conforme Kellner (2001, p. 142):

Da mesma maneira, as imagens paleossimbólicas³ de mulheres vorazes e violentas, como as vampirescas personagens de *Atração Fatal* e *Instinto Selvagem* [...] podem incutir medo de mulheres. Cenas pornográficas ou degradantes, que brutalizam ou mutilam mulheres, podem produzir violência contra as mulheres. A cultura veiculada pela mídia divulga imagens e cenas poderosas em termos de identificação que podem influenciar diretamente o comportamento, criando modelos de ação, moda e estilo.

Outro filme que mostra a violência sexual contra a mulher é *Acusados*, de 1988, dirigido por Jonathan Kaplan e baseado em fatos reais. A vítima, uma mulher sensual, sofre um estupro coletivo no interior de um bar enquanto é assistida por outros homens, que se divertem e incentivam o ato apoiando os criminosos. Há dois julgamentos: o daqueles que praticaram o crime e o dos homens que o apoiaram. Nesse intercurso a vítima precisa provar sua inocência e, com a ajuda de sua advogada, consegue ser ouvida no julgamento, assim como um estudante, que presenciou e comunicou o crime à polícia. Nesse caso há a inversão dos valores, pois a vítima é colocada como incentivadora do próprio crime por seu comportamento e seu modo de vestir.



Figura 2 Cena do filme *Acusados* (1988).

Fonte: *Acusados* (2014).

3 - Paleossimbólico = que está vinculado a determinadas cenas carregadas de drama e emoção. Por exemplo, Freud descobriu que certas imagens cênicas, como a criança que apanha por masturbar-se, ou que descobre os pais fazendo sexo, exercem impacto profundo no comportamento subsequente. As imagens dessas cenas permanecem como paleossímbolos (KELLNER, 2001, p. 141).

Nesses dois exemplos percebemos que mulheres independentes e ousadas são constantemente julgadas, sendo vítimas de violência física e de violência moral, que critica seu modo de viver. Todos os seres humanos, independentemente de qualquer circunstância, possuem as duas pulsões de Eros e Thanatos, a do bem e a do mal. As circunstâncias de vida e da cultura onde o sujeito vive modelam suas características.

De forma geral, o brasileiro possui um comportamento padrão e é conhecido por sua alegria, porém quanto mais nos aproximamos mais percebemos as diferenças sociais. O comportamento de um brasileiro que teve sua criação em comunidades carentes, vivenciando, muitas vezes, a violência doméstica e criado com todas as asperezas possíveis, dificilmente terá um comportamento doce como teria um sujeito protegido dessas amarguras da vida vindo de uma classe privilegiada. Embora a violência seja inata, o controle de nossas emoções é abrandado no decorrer da vida. Todos nós nascemos iguais, com pulsões de vida e morte, porém o controle dessas pulsões advém da cultura em que estamos inseridos – a família, a igreja e a mídia impressa e audiovisual ajudam a formar consciências.

O fato é que as mídias são as atuais responsáveis pelos exemplos transmitidos em grande escala, principalmente a televisão brasileira, que forma valores e exemplos tanto de violência na transmissão de notícias sobre criminalidade como nas novelas, que transmitem um comportamento que há muito vem sendo imitado. Assim, nos filmes de violência, em que há o combate entre o bem e o mal, e nos romances, em que há sempre um herói e/ou uma heroína sofredora que tudo enfrenta/am para chegar a um final feliz, são representações de Eros e Thanatos.

CONCLUSÃO

Dessa temática podemos perceber que as pulsões traduzidas pelo mito de Eros e Thanatos são recorrentes no mundo contemporâneo. Estão no comportamento violento que constrange e agride o psicológico e o físico e nas pulsões de Eros, incentivadas e recriminadas, como no caso da mulher que deseja ser atraente, mas é agredida por essa "transgressão" de vestir-se sensualmente. No Brasil, mantém-se a cultura do patriarcado, e é vista como inaceitável a emancipação da mulher ou a dignidade do negro. No desrespeito ao idoso e às crianças, que mesmo com todas as leis os favorecendo, são vítimas no dia a dia da falta de consideração e apreço até nos coletivos urbanos – apesar da existência de assentos reservados aos idosos, estes permanecem em pé enquanto outros se servem sem necessitar.

Através da história da cultura observamos que o padrão de violência ocorre há milênios. O próprio casamento e os filhos não eram concebidos por amor. A concepção de casamento romântico é moderna, assim como o amor filial, e ao que parece, tanto um como o outro eram formas de formar capital – casamentos arranjados por conveniência financeira e filhos

como mão de obra. Luc Ferry (2013) observa que com o casamento romântico surgiu o divórcio, atribuído à paixão que se extingue. Assim como a pulsão de Eros tem sua finitude e seu lado "mau", também em Thanatos há observações positivas. A violência, de tão nociva, gera reflexões dentre as quais surgem acordos para resolvê-las, como a criação de leis para proteger os mais indefesos.

Percebe-se ainda imaturidade em relação à aceitação e à tolerância, ao amor e ao respeito. Mudanças nas leis são um início de melhora, mas não finalizam a luta pelos direitos de igualdade e de solidariedade, principalmente ao sofrimento das vítimas e suas famílias. A criação de setores de atendimento, como as delegacias especiais de atendimento à mulher e ao idoso, demonstra que havia uma discriminação às vítimas, e assim muitos crimes não foram delatados por uma série de fatores, dentre os quais o constrangimento que se sofria nas delegacias.

Assim, neste encerramento, como o que é sugerido pelo mito de Thanatos, propõe-se um início, o de reflexão sobre as pulsões de amor e de ódio existentes em todos nós, seres humanos. O que isso influencia? Os mitos ou os fatos da contemporaneidade?

Thanatos's mith in contemporary society

Abstract – The present paper studies the presence and importance of Greek myths in Western contemporary society. It was chosen to examine the presence of Eros and Thanatos in different realms of public and private spaces. We have inferred that the behavior of celebrities that incorporate these mythological figures may influence the audience, creating models of behavior. According to Sigmund Freud's psychoanalytic theories, Eros and Thanatos represent life and death drives which are present in every human being. It depends on the culture, with the various institutions of Western society, to repress or deviate this energy to ends that enable humans to live in society.

Keywords: Thanatos. Greek mythos. Culture in contemporaneity. Behavior. Violence.

REFERÊNCIAS

ACUSADOS. Disponível em <<http://m.forocoches.com/foro/showthread.php?t=3874032>>. Acesso em: 14 nov. 2014.

ATRAÇÃO fatal. Disponível em: <http://victorcruel.blogspot.com.br/2009_05_01_archive.html>. Acesso em: 14 nov. 2014.

BOLEN, J. S. *Os deuses e o homem: uma nova psicologia da vida e dos amores masculinos*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

BOSI, A. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 420 p.

- BRANDÃO, J. de S. *Dicionário mítico-etimológico*. Petrópolis: Vozes, 1991. v. 2 J-Z.
- CAMPBELL, J. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 2003.
- ELIADE, M. *Mito e realidade*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. 179 p.
- FERRY, L. *Do amor: uma filosofia para o século XXI*. Rio de Janeiro: Difel, 2013.
- FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M.; FRANCO, F. M. de M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa: com a nova ortografia da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JUNG, C. G. (Org.) *O homem e seus símbolos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- KELLNER, D. *A cultura da mídia: estudos culturais – identidade e política entre o moderno e pós-moderno*. Bauru: Edusc, 2001. 454 p.
- MOISÉS, R. J. *Anistia Internacional e o compromisso do Brasil com os direitos humanos*. 2012. Disponível em: <<http://prvl.org.br/noticias/anistia-internacional-e-o-compromisso-do-brasil-com-os-direitos-humanos/>>. Acesso em: 17 jun. 2014.
- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Cia. de Bolso, 2013. 435 p.
- SCHMIDT, J. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Lisboa: Edições 70, 2002. 277 p.
- VERNANT, J.-P. *O universo, os deuses, os homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- WASELFISZ, J. J. *Homicídios e juventude no Brasil: mapa da violência 2013*. Brasília: Secretaria Geral da Presidência da República, 2013. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/mapa2013_homicidios_juventude.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2014.
- WASELFISZ, J. J. *Mapa da violência 2012: atualização – homicídios de mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro: Cebela, 2012a. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2012_crianca.php>. Acesso em: 17 jun. 2014.
- WASELFISZ, J. J. *Mapa da violência 2012: crianças e adolescentes do Brasil*. Rio de Janeiro: Cebela, 2012b. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2012_crianca.php>. Acesso em: 17 jun. 2014.